



**Filhas do Coração de Maria
em Canas de Senhorim**

Casa da Palmeira – Canas de Senhorim

Quarenta e cinco Anos | Quarenta e cinco Páginas

Novembro de 1975 a Dezembro de 2020

Sociedade das Filhas do Coração de Maria | www.fcportugal.pt

Quarenta e cinco Anos – Quarenta e cinco Páginas



Casa

Páginas que se foram escrevendo ao longo do tempo, com a “tinta”
do amor gratuito. Bendito seja Deus!



Serra do Caramulo

“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.”

Fernando Pessoa

Do seu livro *“Mensagem”*:

“O sonho do ser humano como passagem intermédia da realização da obra de Deus no mundo”.

Foi com este espírito que nasceu a inserção de Filhas do Coração de Maria em Canas de Senhorim.

Depois de um tempo de discernimento com toda a Província de Portugal, e, quando tinham chegado de Luanda algumas Filhas do Coração de Maria, por causa da situação política que levou à independência de Angola, foi possível dar resposta ao sonho que o Senhor Abade alimentava: ver em Canas uma comunidade religiosa.

Chegou a hora! Novembro de 1975, tempo de mudanças!

A situação política em Portugal também era muito instável, mas com a força e a luz do Espírito de Deus, tudo foi ultrapassado. O que parecia ser impossível, tornou-se realidade! Como em todas as “obras”, o início foi marcado por dificuldades de toda a ordem.

Os testemunhos que se seguem são apenas algumas pinceladas das incontáveis experiências vividas, ao longo do caminho que se foi percorrendo e onde se foram semeando sementes do Reino.



Igreja Matriz

Lembramos a Madre Castro

Em 1975 era provincial de Portugal, Maria da Conceição Castro, vinda do Brasil para esta missão. Esteve na origem da fundação de Canas e foi grande impulsionadora desta inserção em meio rural/fabril; a primeira em Portugal nesta área. Só havia uma comunidade em Lisboa; com o Lar Universitário, Domus Nostra; uma comunidade no Porto, e outra em Faro.

Feito o discernimento em Província, como acima se descreve, motivado pela chegada das Filhas do Coração de Maria que vinham de Angola e então disponíveis, foi possível a fundação de Canas que grande alegria deu a todos, em especial ao Senhor Abade.

A Madre Castro, como lhe chamávamos, ao ver que a missão se ia enraizando, sentia uma alegria imensa, contagiante! Mal comparando, como uma Mãe que se revê nos filhos pequeninos que vão crescendo, que vão ganhando autonomia.

Sempre que passava por Canas, partilhava o seu contentamento e dava graças a Deus pelo crescimento do Seu Reino, nestas terras da Beira.

Em Setembro/Outubro de 1981 regressou ao Brasil, sua terra natal; e podemos dizer que com a sua ajuda se pode aplicar a Canas a expressão do Padre de Clorivière: “Porque não em França, porque não em todo o universo?”



*Pe. de Clorivière, sj e Adelaide de Cicé
Fundadores da Sociedade das Filhas do Coração de Maria*

O entusiasmo e a dedicação da Maria Irene

Impossível esquecer a Maria Irene que acompanhou o processo da inserção de FCM em Canas, desde a sua gênese.

Quanto entusiasmo, quanta dedicação a Maria Irene partilhou durante a fundação de Canas e ao longo dos anos!

Era vê-la com a sua criatividade a fazer crescer o Reino de Jesus Cristo. Ninguém ficava ocioso à sua volta! Tudo para a maior glória de Deus!

Foi a partir dos Campos de Fé iniciados em Setembro de 1979, que a Maria Irene ajudou a criar um grupo de oração, formado por casais e outras pessoas da paróquia, que se juntavam para a oração, na nossa casa.

Também por altura do Carnaval se reuniam, vindos de vários pontos do País, participantes dos Campos de Fé: crianças, jovens e adultos. O objetivo era a preparação para o Tempo da Quaresma. Como o Carnaval em Canas era de não perder, aproveitavam divertir-se, enquadrando-se nas marchas segundo o gosto de cada um e depois, sim, era entrar no sério, na interioridade, no lançamento para se viver em cheio o Tempo quaresmal. Tudo preparado com exigência, com profundidade como a Maria Irene sempre fazia.

Acompanhou de perto com a sua presença, com o seu estímulo, com o seu encorajamento, a Comunidade das FCM, e ao mesmo tempo a Comunidade paroquial. Quando, por razões da missão, não podia estar perto, fazia-se presente pelos meios de comunicação ao alcance. Sempre interessada no maior bem.

Lembramos hoje a Maria Irene que, com outras FCM, tornaram possível esta inserção, fazendo-a vir à luz do dia, e se prolongou no tempo e no espaço.

Foram só quarenta e cinco anos! Abençoados!



“Fundada sobre a rocha” – memória da Alda Gil

Esta frase do Evangelho está inscrita na fundação da Sociedade das FCM. Transcrevê-la para este texto abre-nos à dimensão do Espírito de Deus.

Numa construção, mais simples ou mais sumptuosa, há sempre a primeira pedra ao serem lançados os alicerces/fundamentos da dita construção.

Da Alda, podemos dizer que foi essa primeira “pedra,” na fundação em Canas de Senhorim, das Filhas do Coração de Maria. A Maria Rosa diz que a Alda foi a primeira, foi à frente, como que a abrir o caminho à aventura, ao desconhecido.

João Baptista foi o mensageiro do Messias prometido: “Eis que envio à tua frente o meu mensageiro...” Atribuídas à Alda, estas palavras saídas da boca de Deus, dirigidas a João Baptista, ficam bem situadas. A Alda chegou à frente, mas não vinha só, vinha cheia da luz de Deus e de esperança, e entregou-se com muito amor, sem por condições. Tudo era pouco para semear o Reino de Deus: em gestos, palavras, escuta atenta, resposta aos apelos urgentes, com fé, com muita confiança.

As condições da casa velhinha, que a Maria Rosa refere e que a Alda nunca pôs em causa para o avanço da obra, mostram que ela sempre esteve, diríamos hoje,” na linha da frente!” Nem a chuva, (chovia por cima da cama dela), nem o frio que entrava pelos vidros partidos das janelas e frinchas das portas, nem a falta de instrumentos vários, indispensáveis para o trabalho no Centro Social Paroquial, a impediram de continuar, sempre na esperança de dias melhores.

O seu forte era a boa relação com todas as pessoas, sem exceção. Mantinha com as colegas do Centro Regional de Segurança Social de Viseu um contacto muito próximo, e o trabalho em Canas era por todas muito valorizado.

Vendo as condições tão precárias em que se trabalhava, sempre apoiaram e incentivaram a seguir em frente. Quantas dificuldades suportadas com espírito de melhor servir, a todos, mesmo quando os acordos de cooperação eram para sessenta crianças e já frequentavam o Jardim de Infância setenta e

cinco crianças! Era a mão da Providência de Deus que se fazia sentir pela criatividade da Alda que nos contagiava a todas.

Quanto a Alda se empenhou nos passos dados para que a construção do novo Jardim de Infância fosse uma realidade! Ela dizia com muita graça: “Ninguém espere por uma casa nova para iniciar uma obra. Comece a obra, e o resto acontecerá.” E foi assim que aconteceu em Canas. Foram só onze anos à espera da casa nova! Que paciência!



Visita às Obras do Jardim de Infância Girassol – 15 agosto 1987

Também, a nível da Igreja diocesana a Alda deu o melhor de si. Colaborou com religiosas de outras Congregações na então FNIRF de Viseu, que, além da programação de atividades pastorais, estavam ainda atentas aos problemas de subsistência das comunidades/congregações. Em determinada altura, veio para Viseu um grupo de Irmãs, vindas de Espanha a convite do Bispo de então, sem qualquer meio de subsistência para poderem anunciar o Evangelho segundo o seu Carisma. A Alda não ficou quieta, propôs aos elementos do

grupo da FNIRF que se proporcionasse uma ajuda monetária às Irmãs em causa, até encontrarem uma saída favorável, e assim fizeram. Algum tempo depois, as Irmãs conseguiram uma fundação na diocese de Santarém, e aí sim, puderam anunciar o Evangelho como resposta ao seu Carisma.

Além da colaboração na FNIRF a Alda também colaborou no Secretariado da Catequese, em Viseu, dando-se sem medida para que fosse possível proporcionar formação ao maior número de Catequistas, nas Paróquias, por toda a Diocese. E lá andava a Alda, sem descanso, com a equipa do secretariado a semear o Evangelho.

Vieram para Mangualde umas Irmãs Missionárias de Nossa Senhora de Fátima, trabalhar no Centro Paroquial. A Alda, como boa mestra, ajudou-as muito nos primeiros passos da obra. Era já nesta altura, um grande avanço na ação intercongregacional. Estabelecia-se entre todas: de cá e de lá, uma forte relação fraterna, que permanece.

Em 1990/91 a Alda foi nomeada Provincial de Portugal e deixa Canas de Senhorim onde durante 14/15 anos semeou sementes do Reino, que deram origem à árvore de que a Margarida Rosas nos fala no seu testemunho.



A Maria Rosa Cardoso é a única testemunha que viveu esta aventura inicial e que pode hoje partilhá-la connosco.

O que vi, ouvi e experimentei é o que gostaria de comunicar.

Sinto que fui uma das três primeiras, privilegiadas no envio em missão, e por isso, feliz, como comunidade, ao serviço da Paróquia de Canas de Senhorim.

À Alda como pioneira deste evento, foi-lhe permitido ir à frente, tendo entrado na **casa velhinha**, onde permaneceu alguns dias, sozinha.

A seguir, eis que chegavam do Porto as duas Rosas: a Estrela e a Cardoso, no carro da Maria Alice carregado de bagagem, confundidas no meio daquela tralha, quase sem poder respirar, mas felizes pela aventura.

Foi sentido o acolhimento caloroso da parte dos paroquianos, em especial do Padre Domingos assim como de alguns casais, pois sabendo que a casa não possuía o mínimo de condições, dispuseram-se a partilhar connosco algumas mobílias e outros bens para aconchego do espaço.

Entretanto, foi aberto o Jardim de Infância que funcionou com algumas dificuldades, devido às precárias instalações e escassez de material lúdico, pelo que foi necessário recorrer à criatividade que, perante o carinho e o afeto pelas crianças, tudo foi superado.



Refiro também, que a sala das atividades, era polivalente na medida em que servia de espaço para além das atividades lúdicas, como refeitório, dormitório (descanso da tarde) Catequese e festas periódicas o que representava um aumento de trabalhos e sacrifícios até ser possível a entrada nas novas instalações do “Girassol”, onde ainda hoje funciona.

Foi nessas condições que durante algum tempo a comunidade aí permaneceu, suportando as dificuldades que as deficientes instalações ofereciam, deixando entrar o frio e a chuva; até serem terminadas as obras realizadas na chamada “Casa da sopa dos Pobres” ao fundo do quintal, e que a partir daí, passámos a habitar.

Quanto à questão económica, vivemos algum tempo dependentes do salário da Alda, que como professora de Moral, na Escola Técnica do Dão, partilhava o que recebia para sustento da Comunidade, até podermos, eu e a Rosa Estrela, usufruir de um salário correspondente ao nosso trabalho.

UMA DATA MEMORÁVEL

Chegou o dia da mudança, maratona que não dá para esquecer! O termo do dito popular foi invertido: **“andou-se de burro para cavalo”**. Bendita barafunda! Toda a mudança nos traz novidade! Através desta, foi possível aumentar o número de inscrições no Jardim de Infância, dando resposta a situações familiares que se encontravam em lista de espera.

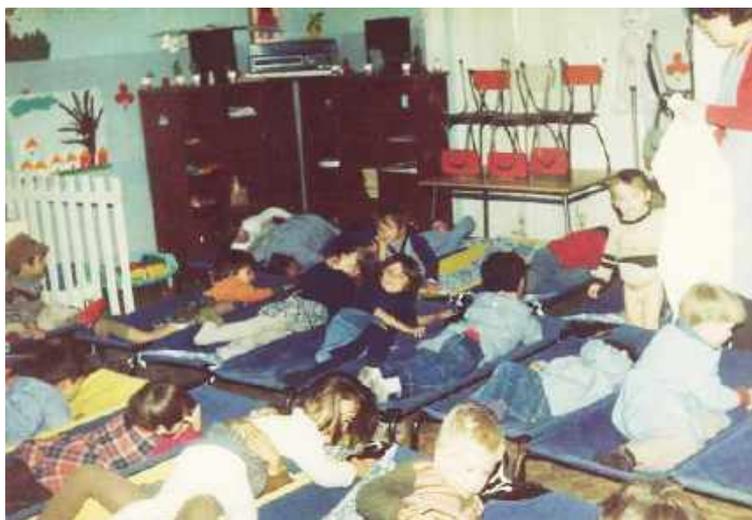
Já nas novas instalações, as crianças habituadas ao pequeno espaço pareciam passarinhos soltos da gaiola a voar em todas as direções, felizes pela “libertação.”



Quando mudámos ainda não estava vedado o espaço exterior que garantisse a segurança das crianças, mas para elas o pouco, era muito, em relação à experiência anterior e elas próprias se auto protegiam. Aí, sim, foi possível, também, abrir a valência de Creche, ir adaptando uma pedagogia diferente conforme os grupos e sua fase etária. Algumas Mães partilhavam connosco a sua alegria, dizendo: “este/esta nasceu, porque ao ser criada a Creche tivemos uma resposta que nos dá muita segurança.”

Passaram por lá várias Educadoras e Auxiliares de Ação Educativa, entre as quais existia um bom relacionamento.

Avaliando a nossa inserção em Canas, penso que valeu bem a pena todo o sacrifício, toda a doação de nós próprias. Por tudo o que recebemos da sua gente em gestos fraternos de grande amizade, ficamos imensamente gratas, recordando esta experiência com saudades.



Rosa Cardoso



Ecoss de uma realidade

Dizer o eco que tem em mim a realidade de Canas de Senhorim, transporta-me à origem da fundação que muito me ensinou pelo testemunho de vida de fé das pessoas envolvidas no empreendimento da ação apostólica que lá floresceu, cresceu e permanece com vida, hoje, em benefício de toda a população.

Primeiramente, Canas, lembra a figura ímpar de ardor pela difusão do Evangelho, do Senhor Abade Domingos, que procurava dar resposta às dificuldades económicas, educativas e sociais da paróquia, em nome do amor de Cristo que pregava, solicitando colaboração para a ação pastoral e caritativa dentro da Igreja.

Providencialmente, foi dada alguma resposta pela nossa família religiosa, através de alguns dos seus membros disponíveis, em experiência de dedicação evangélica. Refiro-me a Alda Gil, Irene Deusdado, Maria Rosa Cardoso e Raquel Abreu, que vi chegar de Luanda, em estado de choque, porque escoraçadas do Instituto de Formação Profissional de Assistentes Sociais e Educadoras de Infância, orientado pela Filhas do Coração de Maria, na capital de Angola. Membros ativistas do MPLA apoderaram-se da direção desse Instituto, e as nossas Irmãs tiveram que deixar a missão a que generosamente se entregavam, ao serviço dos mais pobres.

Esta experiência dolorosa de zelo missionário preparou-as espiritualmente para prosseguirem a sua entrega ao Senhor com alegria e empenho.

Foi nessa atitude de disponibilidade que Alda Gil e Maria Rosa Cardoso foram enviadas para iniciar, em condições bastante modestas a fundação de Canas, apoiadas pelo zelo e carinho do Abade Domingos e também pelo acolhimento benévolo da população de Canas que sempre testemunha respeito e gratidão pelos serviços prestados em nome do Evangelho, pela nossa família religiosa.

Enquanto Raquel Abreu foi enviada, como enfermeira, para o Hospital de Santa Maria, em Lisboa, onde prestou bons serviços aos doentes que ali eram tratados, Irene Deusdado, como Conselheira da Província Portuguesa, impulsionou fortemente esta nova inserção apostólica entusiasmando toda a gente na sua realização. Em consequência deste testemunho logo no início, surgiu a vocação à Sociedade das Filhas do Coração de Maria, da Cecília; a Belém, já era Filha do Coração de Maria, perseveraram, prosseguindo, de modo diversificado o serviço aos mais carenciados, em nome do amor pelo

Evangelho. Mas a pequena semente inicial deu origem a uma bela árvore que continua a florescer e a dar fruto, hoje, ajudando a crescer o Reino de Deus nos corações das crianças, jovens, adultos e idosos, na paróquia de Canas de Senhorim. Louvo o Senhor e dou graças pelo testemunho recebido por toda a Igreja viva desta bela terra, pois avivou em mim o ardor missionário que me impeliu, no tempo indicado, a ir ao longe, anunciar o amor de Deus, em Jesus Cristo, pela humanidade.

É com gratidão que, acolho a missão, hoje, e rezo pela continuidade da igreja local de Canas, a fim de que o Senhor derrame sempre mais profundamente, em todas e cada uma das pessoas, o Seu amor Redentor de que necessitamos.

Margarida Rosas da Silva



DAR E RECEBER

Canas de Senhorim, terra onde muito me dei,
e onde muito mais recebi.

Cheguei a Canas de Senhorim no dia cinco de Novembro de 1978, praticamente com a missão definida; iniciar um trabalho com Idosos: Centro de Dia e Apoio Domiciliário e ainda trabalhar com os Escuteiros para iniciar no Agrupamento a Célula Feminina.

Fui acolhida, já na casa nova, ao fundo do quintal, segundo a Belém, o “comboio”, pelas FCM que chegaram na primeira hora. A D Alda; M^a Rosa Cardoso e Rosa Estrela. Com a minha presença passou a ser “a casa das Rosas”. Por vezes até a D. Alda era tratada por D. Rosa. O Benjamim Carneiro da Silva chamava-lhe “amor-perfeito”.

Com a ajuda das minhas Irmãs FCM, fui-me integrando na Comunidade Paroquial, tanto em Canas como nas Povoações, onde fui muito bem acolhida; acarinhada, o que contribuiu para me fazer crescer.



A Casa da Palmeira, onde funcionava o Jardim de Infância, começou também a acolher pessoas de terceira idade, os “Vovós” assim lhe chamavam as crianças, para a refeição do almoço, porque as atividades: Centro de Convívio, funcionavam numa sala cedida por outras pessoas, fora da casa da palmeira. Quando as crianças se apercebiam da proximidade da hora da refeição, pelo cheiro da comida preparada/cozinhada, aproximavam-se do portão de entrada e esperavam a chegada dos Idosos, conduzindo-os pela mão até à sala de jantar, para eles preparada, e cabíamos todos! Com grandes doses de amor partilhado, tudo era possível!

No fim da refeição era ver as crianças quase em sã disputa, para encaminharem os Idosos até ao portão. Cenas maravilhosas que só o coração pode conter! Cada criança escolhia o Idoso que acompanhava e assim todos eram contemplados de parte a parte. Ninguém ficava de fora.

Casa da Palmeira, Casa da Palmeira, velhinha como eras, ao longo de muitos anos, como uma “galinha” abriga os pintainhos debaixo das suas asas, também tu, debaixo do teu teto velhinho, abrigaste FCM, Crianças do Jardim de Infância, Idosos, Jovens, Grupos de Catequese, Liturgia, Convívios,... e muitos anos mais tarde aceitaste “morrer” para dar lugar e Vida ao LAR PADRE DOMINGOS.

Aproveito este momento para dizer a cada uma das pessoas de Canas, incluindo as das Povoações: Crianças, Jovens, Adultos, Idosos que foi com muita alegria e entusiasmo que com todos trabalhei ao longo de 22 anos, repartidos em duas partes, ou seja, 11 anos de cada vez, na missão que me foi confiada pela Sociedade das Filhas do Coração de Maria.

Senti sempre a presença e ajuda do Senhor, o apoio da minha Comunidade, o carinho e a colaboração de todos.

Não esquecerei ninguém, mesmo os que já partiram, em grande número, que me amaram e que muito rezaram por mim, sobretudo quando fui em missão para África.

Agora para brincar:

Cantarei enquanto

a voz me deixar

Canas é bonita

Tem lindas casinhas

Como são catitas

Tu nem adivinhas

Grande

Bem Hajam!



Rosa Baltar



Missão em Canas 1978/79

Em Canas, fui muito bem acolhida pelas FCM que tinham chegado na primeira hora, em Novembro de 1975, Alda, Maria Rosa e Rosa Estrela. A Rosa Baltar chegou ao mesmo tempo que eu, no dia cinco de Novembro de 1978.



Foi-me pedido que me ocupasse de corte e costura com raparigas e senhoras que se inscreveram para frequentar as atividades.

Em Canas funcionava um grupo e outro na Póvoa de Santo António. Nos dias em que ia à Póvoa almoçava com a Mãe da Cecília, pois falava-se na Comunidade que eu fazia as vezes da Cecília que tinha ido para o Porto fazer a Formação inicial. Entre nós as duas havia uma relação de muita amizade. Da parte dos grupos também havia muito interesse o que garantia que valia a pena todo o esforço, todo o empenhamento de parte a parte.

Gostei muito de ter feito esta experiência de proximidade, numa área que me é familiar (corte e costura).



O modo como todas se expressavam mostrava bem que também estavam a partilhar algo diferente. Sentiam que alguém estava próximo delas.

Foi muito bom ter estado em Canas de Senhorim! Confirmou-me na missão concreta. De lá fui enviada para o Colégio de Milfontes.

Ana Banha

“Fui Eu que vos escolhi, para que deis fruto que permaneça”

No dia 13 de Outubro de 1976, dirigi-me à casa velhinha, onde habitavam as primeiras FCM que iniciaram a Missão em Canas.

Acolheu-me a Rosa Estrela com o seu sorriso e depois de lhe dizer o que procurava encaminhou-me para a Alda que me convidou a entrar, com a serenidade que lhe era habitual. Desde o primeiro momento que me acompanhou pacientemente na busca do caminho que procurava.

A Alda, Maria Rosa e Rosa Estrela desde 1975, estavam em Canas, havia precisamente, um ano. Comecei a ter contactos frequentes, acompanhada pela Alda que sempre me ajudou na descoberta da minha vocação.

Depois da formação inicial, feita no Porto, voltei a Canas, em Outubro de 1982 para colaborar com a Maria Rosa no Jardim de Infância que funcionava na casa velhinha. Estivemos aí até Março de 1987 com a casa a “rebrantar pelas costuras!”. Foram só, onze anos! Foi então que mudámos para as novas instalações do Jardim de Infância o “Girassol” “batizado” pela Maria Rosa e por mim, onde ainda hoje é frequentado por muitas crianças: filhas/netas daquelas que passaram pelas nossas vidas nos primeiros anos da obra.



Lembro, que o grupo de FCM que estava em Canas não formava comunidade, estávamos ligadas ao Porto, melhor, fazíamos parte da comunidade do Porto. Uma vez por mês íamos ao Porto no dia de Oração comunitária (Primeiro Sábado), e reflexão sobre o tema proposto para ser trabalhado/partilhado. Para nós era um “mimo”, deixarmos a barafunda do dia a dia e partilharmos uma realidade muito diferente.

Saíamos de Canas na sexta-feira à tarde, de comboio, com mudança na Pampilhosa, duas horas de espera ou mais, na ida, e na vinda, no domingo à noite era igual. No Inverno, frio de rachar. Esse tempo era aproveitado para por em dia a vida pessoal e a vida profissional/pastoral. Avaliação/Programação ...

Na ida íamos carregadas de sacos e saquinhos, a Alda dizia com sentido de humor: “este pagode só sabe andar, com as traquitanas atrás!” E era verdade! Uma vez, na mudança, não se tirarem os sacos na totalidade e alguns poucos, foram no comboio que seguia para Coimbra. Era divertido, apesar do transtorno que daí nos vinha. Aconteceram várias histórias no meio disto tudo, mais ou menos do género.

Esta experiência fez-nos crescer e enriqueceu-nos mutuamente. Só em 1985 é que as FCM que estavam em Canas, passaram a formar uma comunidade autónoma, a Alda, como superiora. Uma nova realidade! É assim que cada FCM é chamada a viver em constante desinstalação.



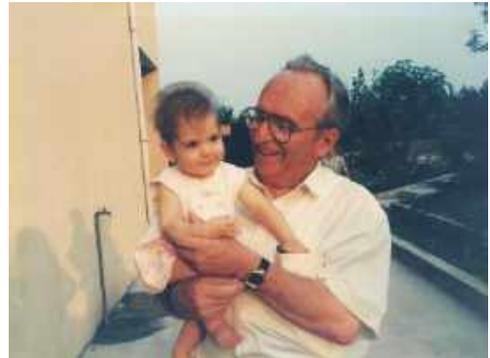
À Casa Velhinha, mais tarde chamada Casa da Palmeira, deixo uma memória do fundo do coração.

Quantos momentos, quantas horas, quantos dias vividos dentro de ti! Acolheste e permitiste que tantas crianças encontrassem o seu lugar, experimentassem uma infância criativa/feliz! E não só as crianças, também quantas pessoas que mais de perto as acompanhavam no dia-a-dia; e os Vovós como elas chamavam aos nossos Amigos que vinham almoçar e que permitiram uma relação tão afetuosa entre gerações!

Tempos inesquecíveis se viveram dentro de ti, à tua sombra protetora! É impossível descrever o que se viveu, só quem fez a experiência do Bem semeado, do Bem acolhido entenderá esta partilha. Deves lembrar-te de

algumas crianças que só conseguiam descansar depois do almoço, sobre uma velha arca que estava na cozinha, onde se guardavam os géneros alimentícios. Sobre uma manta, regalavam-se a descansar! E mais! Aquelas manhãs de Inverno com a cave cheia de água que vinha do poço que estava no quintal, e que era preciso esvaziar (a cave) para se poder chegar ao lugar onde estavam as batatas, as cebolas para fazer a sopa? Não se podem esquecer estes momentos históricos. Era quem mais podia ajudar a carregar os baldes cheios de água que se despejavam no quintal da D. Benilde, porque se fosse no quintal à tua volta as crianças não poderiam brincar nas horas de recreio. Trabalho em cadeia para ser mais fácil e de maior rapidez!

Viveste uma vida longa, repleta de horas maravilhosas e horas mais difíceis. Não sucumbiste às intempéries do tempo, antes renasceste para uma nova vida, **Nova Casa!** De ti nada resta, só a memória. Foste o alicerce, estás nos fundamentos do Lar Padre Domingos, de saudosa memória, e também ele testemunhou tudo o que em ti foi realizado. Se tu não tivesses permitido que assim acontecesse, onde iríamos encontrar abrigo?



Uma vez que generosamente nos abriste as portas por longo tempo, só me resta dizer-te:



“Obrigada, Casa da Palmeira!”

Cecília

“Eis que que estou à porta e bato ...”

Em Setembro de 1981, bati à porta da casa das FCM, já restaurada. Acolheram-me muito bem e convidaram-me a tomar com elas, o pequeno almoço. Aceitei, estavam para sair cada uma para o seu trabalho. Disseram-me: “Fica cá em casa, tem a Capela, nós à hora do almoço vimos chamá-la”. Perguntei pela D. Benilde que tinha sido minha Professora e queria visitá-la. Indicaram-me onde morava e fui lá estar com ela algum tempo.

A Alda não estava, e disseram-me que iria informar-me para poder voltar e falar com ela. Nesta altura, eu trabalhava como diretora num Lar de Idosos em Moimenta da Serra/Gouveia.

Continuei a fazer o meu caminho vocacional, acompanhada pela Alda, e como as FCM que estavam em Canas faziam parte da comunidade do Porto, no tempo oportuno, entrei no Porto. A seguir fiz uma curta experiência na comunidade de Lisboa, a ajudar no Lar Domus Nostra.



Voltei a Canas e por lá fiquei durante 3 anos a colaborar na Catequese, Liturgia, Jardim de Infância, no apoio à refeição das Crianças e Idosos, estes, almoçavam com as Crianças. Com a D. Benilde ia também à Felgueira dar Catequese, íamos a pé, 5km e à volta alguém nos ia buscar.



Durante este tempo muitas amizades se construíram e ficaram para a vida. O que muito me tocou desde o início, nesta comunidade, foi o bom acolhimento e a capacidade de aliar a vida ativa com a vida contemplativa: Fé e vida em comunhão. Foi-me dito desde a formação inicial, que a vida da FCM “é dura e laboriosa”. Bem se aplicava esta máxima àquelas FCM com quem partilhei a vida do dia a dia.

Também passavam por Canas outras FCM, entre elas lembro a Maria Alice que sempre me incentivou na minha caminhada vocacional, motivando-me a não desistir, a seguir em frente.

Da Maria José guardo na memória o apreço que ela tinha pela cultura, em geral, e como partilhava com todas o seu saber, com a sabedoria do coração.

Maria Maximina



O que me deixou a passagem por Canas de Senhorim

Como diz Elisabete Bárbara, autora do livro, “Lado a lado”, “Vivemos entre. Vivemos entre o início e o fim. Vivemos entre datas. Entre uma e outra, a nossa vida. Somos o nosso tempo. O nosso tempo é o nosso meio. Meio cheio ou meio vazio. Não interessa, no meio estará a virtude. Vivemos entre lugares. Entre cá e lá. Vivemos entre o que conhecemos e o que ignoramos. Entre o que desejamos e o que temos. Vivemos entre a regra e a transgressão. Entre o limite e a limitação. Entre a causa e a condição. Entre o amor e a razão. Entre a espada e a parede. Entre o riso e as lágrimas. Entre o grito e o que dizemos entredentes. Entre as nossas palavras e as que colocamos entre aspas. Hesitamos entre o ponto e a vírgula. Entre ficar à porta e entrar. Entre ficar e fazer as malas. Vivemos sempre entre uma coisa e outra. Entre a bigorna e o martelo. Escolhemos o mal menor. Ou então que venha o diabo.

Vivemos entre. Entre quatro paredes. Entre muros. Entre trincheiras. Entre guerras. Pensamos sempre que, entre mortos e feridos, somos aqueles que escapam. Esquecemo-nos de que a vida é uma corda de tempo suspensa entre duas margens. E nunca sabemos se a vida vai roer a corda a meio.

Vivemos entre. Vivamos entretanto.”

São estas palavras de Elisabete Bárbara que me inspiram a falar da minha passagem por Canas de Senhorim. Num tempo, 1987/88. Acabado outro tempo, conclusão da entrega da minha tese de Licenciatura em Teologia, na Universidade Católica de Lisboa e membro da comunidade de Lisboa e também fazendo parte da equipa da Domus Nostra.

Parti para dar tempo a outro tempo, integrar o grupo de educadoras no jardim de Infância de Canas de Senhorim, entregue às FCM. Isto, por ter havido um outro tempo, antes de entrar na Sociedade, eu concluí o curso de Educadora de Infância, na Escola de Paula Frassinetti, das Doroteias, no Porto. Tempo em que também me dediquei ao tempo da busca: que queres de mim Senhor?

O tempo de Canas correspondeu apenas a um ano lectivo. Tempo para me rever entre as crianças da 1ª infância, com outras FCM, com outras educadoras, pessoal auxiliar, pais e amigos. Foi um tempo ainda para me encontrar com muita frequência com os jovens desta terra, em fins-de-semana, fora da terra, para crescermos no caminho da fé. Encarando a palavra de Deus a sós, também em conjunto, escutando cada jovem com os seus dilemas, dificuldades e anseios. Foi um tempo ainda para me rever numa comunidade diferente, num meio desafiante e também árido. Foi neste meio que estive muita virtude. Meio cheio ou meio vazio. Entre o que desejamos e o que temos. Entre o riso e as lágrimas. Mas foi o tempo, por excelência onde Deus esteve por mim. Foi deste tempo que ganhei a confiança de que Ele estava sempre no barco e que Ele era o timoneiro. Foi o tempo para fortificar a fé no seguimento do Senhor, ficando o jeito de O olhar na sua realidade concreta. Hoje, ainda há tempos baloiçados pelo capricho da paixão e da razão. E, no entanto é o tempo para perceber que quem vai na linha da profunda obediência, obediência de coração pela relação que se vai construindo, está isento do erro. De um Tempo a outro tempo, Vivemos entre. Vivamos entretanto.

5 de Novembro 2020

Madalena



Missão em Pedronhe / Hospital de Tondela

Fui enviada em missão pela comunidade de Lisboa, para cuidar dos meus Pais e ao mesmo tempo trabalhar como enfermeira no Hospital de Tondela.

Fazia parte da comunidade de Canas de Senhorim e deslocava-me até lá para participar nos encontros comunitários. Foi sempre com muita alegria que me desinstalava para poder partilhar da vida da comunidade. O que me marcou profundamente foi o bom acolhimento, a alegria de viver, mesmo no meio das dificuldades, de cada FCM. Também a curta distância entre a minha terra e Canas me facilitava as deslocações. Foi um enriquecimento mútuo esta experiência de dar e receber na busca da vontade de Deus.

Hoje, dou graças a Deus pelas maravilhas que Ele realizou através de cada FCM que foi estando, que foi passando por Canas de Senhorim.

Maria de Lurdes



Canas, lugar significativo na memória



Dava os primeiros passos na Sociedade quando conheci Canas de Senhorim. Encontrava-se em visita a Portugal, a Assistente Geral Linda Belchior Bueri e era Provincial a Maria Bárbara Antunes. Esta, pediu-me que as acompanhasse na viagem a terras da Beira Alta, dando a conhecer pelo caminho alguns recantos do nosso património histórico. Acompanhava-nos, a Maria Carolina Delgado. Penso que estávamos no ano de 1987 e era Primavera/Verão pois os dias já eram grandes e claros. Enquanto a Maria Bárbara e a Linda se reuniam com a Comunidade, a Carolina guiava-me pelas ruas de Canas de modo a conhecer a terra e as suas gentes. Simpática e bem disposta, marcou-me por uma relação de enorme afabilidade. Penso que a Comunidade era constituída pela Cecília, pelas três Rosas (Baltar, Cardoso e Estrela), Maria de Lurdes e pela Madalena, a Superiora era a Alda Gil, perita em relações humanas, graças ao dom da simplicidade. O acolhimento vivido, marcou-me nesta primeira vivência fora da Comunidade de Lisboa. Voltei a Canas em diversas vezes e circunstâncias: Em 1988, no regresso de férias de noviciado em Salgueirais. No regresso a Lisboa, a Comunidade ofereceu-nos o almoço e boa disposição.

Nós partilhámos o vivido nesse tempo de férias em comum. Em 15 de Agosto de 1995, quando a Mena fez na Igreja Matriz de Canas os votos que a integraram plenamente na Sociedade. Em Setembro de 1997 quando a Rosa Baltar emitiu os votos perpétuos, antes de partir para África, mais concretamente para o Benim e a 7 de Setembro de 2003, quando a Belém, filha da terra, fez os votos perpétuos. A Comunidade de Canas, nasceu do desejo de criar uma Comunidade inserida no meio, respondendo ao apelo da Igreja local, aos anseios e às necessidades da população: na Escola, através das aulas de Religião e Moral, no Jardim de Infância que nasceu e cresceu, na Catequese e na animação litúrgica, nos grupos de jovens, na relação com todas as gerações... Lembro os jovens que conheci nos Campos de Fé em Martim Longo e Giões, no Algarve, e em Vilar de Mouros. De todas as vezes que fui a Canas, senti a presença calorosa dos Canenses e a presença próxima com as Filhas do Coração de Maria. Na Comunidade, experimentei o acolhimento, a simplicidade na relação e o testemunho de uma comunidade feliz e amada.

Maria Inácia Camacho



Canas: uma experiência de fraternidade e de inculturação

O meu primeiro contacto com Canas fez-se através das FCM que, na altura, faziam parte da Reunião do Porto: Alda, Rosa Cardoso, Rosa Baltar, Rosa Estrela, Maria de Lurdes.

Chegavam todos os meses, para um fim-de-semana comunitário, carregadas dos seus sacos e saquinhos, com pedacinhos de Canas dentro, mimos que, com simplicidade e alegria, partilhavam connosco (as coisas do campo têm outro sabor!) ...chegavam, ora transidas de frio, nos invernos mais rudes, ora afogueadas de calor, nos verões mais tórridos... chegavam, fielmente, muitas vezes trazidas pela infatigável e dedicada Maria Alice, que as depositava, armas e bagagens, numa comunidade feliz por as acolher...chegavam, cansadas, carregadas, mas sempre com muita alegria, boa-disposição, espírito aberto e cordial... Do outro lado, era o acolhimento, nas camas que se preparavam na sala de entrada e nos anexos, nas refeições mais festivas, nos sorrisos de lado a lado, nos braços bem abertos...

Eram dias festivos, de partilha fraterna, de revigoramento espiritual, de convivência simples e alegre... para mim, jovem noviça em formação, estes encontros **eram bem o testemunho de uma vida religiosa feliz e amada e de irmãs capazes de aceitar corajosa e alegremente os sacrifícios necessários para tomarem parte na vida da Reunião.**

Deste exemplo muito recebi e é com o coração muito grato, que agradeço e bendigo o Senhor.

O meu primeiro contacto com Canas de Senhorim, terra e gentes, foi através da Maria Irene e dos Campos de Fé. Foi no Carnaval. Era eu noviça. Não sou muito dada a máscaras e carnavais, nem entendia muito bem porquê participar no carnaval, mascarar-me...o que é que isto tinha que ver com a formação!!! Mas assim foi. Graças ao entusiasmo e empenho evangelizadores da Maria Irene, à alegria contagiante da Rosa Baltar... deixei-me mascarar, integrei o cortejo, participei nas marchas, “berrei” pelo Paço, cantei, deixei-me acolher por uma população simpática e acolhedora, pelos nossos jovens dos Campos de Fé, pelas suas famílias, a família Andrade, os Soeiros, os Carneiro da Silva... fui iniciada nas rivalidades Paço/Rossio, na cultura e tradições daquela boa gente da Beira. Foram dias intensos e um **bom banho de inculturação**. Deus realmente, prepara! Dois anos depois estava eu de malas aviadas para ir para o Burkina Faso. Como esta passagem por Canas,

pelo seu carnaval, me antecipou aquela experiência de que evangelizar é encarnar! **Que a encarnação é o caminho!**



De Canas, tenho ainda memória de um porto de abrigo, sempre aberto e acolhedor. Lembro-me daquela passagem pela comunidade, na volta de umas férias do noviciado em Salgueirais. Como fomos bem recebidas, com que fraterna alegria!

E na celebração dos 50 anos de sacerdócio do Padre Domingos, o sr. Abade...como me falou ao coração aquela sala cheinha até ao cimo, onde se podia tocar e sentir o carinho, a gratidão, a solidariedade, a alegria de uma comunidade reconhecida.

Passei em Canas por experiências muito belas e construtivas.

Dou graças ao Senhor por tanto bem recebido, por tanto bem praticado, por tanta vida partilhada!
OBRIGADA!

Maria do Céu



“Tudo o que fizestes ao mais pequenino ...”

A Esmeraldina veio como Superiora da comunidade e também para colaborar no Centro Social Paroquial.

Estava sempre muito atenta às necessidades a que procurava dar resposta, e quando não era possível, encaminhava para outras instâncias competentes.

Não esperava que fossem bater à porta. Era ela que ia ao encontro das pessoas. (Faz-me lembrar Adelaide de Cicé que ia a casa dos pobres e necessitados).

Um dia a Maria Filomena foi com a Esmeraldina visitar uma senhora que estava muito mal, a morrer, e ficou tocada com o gesto da Esmeraldina que se ajoelhou diante da doente para ficar mais próxima dela.

Possuía um profundo sentido de justiça, e quando participava nas reuniões de direção do Centro Social Paroquial, apresentava as razões que achasse oportunas em função do bem comum. Fez tudo o que estava ao seu alcance para que as remunerações do pessoal docente e não docente fossem ajustadas e conseguiu alguns progressos nesse campo.

Não se poupava a trabalhos e canseiras para aliviar os outros, quase não tinha tempo para comer e descansar. Os outros, sempre em primeiro lugar.

No Ano de 1990 foi criada a valência de Tempos Livres, para acolher as crianças em idade escolar, antes e depois do horário letivo e em tempo de férias escolares. Foi uma resposta às necessidades das Famílias que trabalhavam em Canas ou fora, e cujo horário laboral não era compatível com o pós horário escolar. A Esmeraldina procurou alguém que pudesse orientar estas atividades e conseguiu resposta na Educadora e Infância, Maria do Carmo Castilho, Irmã da Margarida Castilho, também Educadora de Infância que, a seguir veio trabalhar com outras Educadoras para o Jardim de Infância, “O Girassol.”

A passagem da Esmeraldina marcou pela sua dedicação, carinho e respeito pela dignidade de cada pessoa.



Paris, 26 de Novembro 2020

Do Paço aos passos por Canas de Senhor(im)

“O meu bairro é o Paço,
de Canas de Senhorim,
de Portugal um pedaço,
que trago dentro de mim.”

Começo por este refrão que me acolheu a primeira vez que disfarçada de palhaço pobre, viajei de Lisboa até ao Carnaval de Canas de Senhorim! Os “magalas” da viagem de comboio muito se divertiram e eu, ainda mais, com o “magala” **Zé Andrade!**

Ao acolhimento de cinco estrelas da **família Soeiro** não faltou uma iniciação animada aos dois bairros o Paço e o Rossio, graças aos Pais Soeiro! E eis que me vejo pronta, parte do Paço com o **Micael** e o **Charles!** Este é um flash dos passos dados em modo Campos de Fé(rias)!

Entretanto passo a passo e de passagem, como FCM tive a Graça de:

- **Participar e viver** a celebração dos 50 anos de sacerdócio do **Padre Domingos** “Abade de Canas”, Votos de Cinco Anos da **Mena**, e o Jubileu de prata da **Cecília Matias** 25 anos de FCM em *modo* de peregrinação celebrativa

“Consagrem o quinquagésimo ano e

proclamem libertação por

toda a terra a todos os seus moradores.” (Lev 25,10);

- **Conhecer e crescer** com os **colaboradores** do **Jardim de Infância** o "**Girassol**. Que belíssima experiência de formação de liderança Cristã, em resposta ao pedido do **Padre Ilídio** pastor e amigo de todas as horas

"Eu sou o bom pastor;

conheço as minhas ovelhas;

e elas me conhecem." (Jo 10,14);

- **viajar e animar** uma vez por mês para os encontros de oração com os jovens, durante dois anos. Tempo de entrega generosa e fiel do **Padre Nuno**. Juntos fomos saboreando visões e sonhos como parte das nossas vidas em que

"Nos últimos dias, diz Deus, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos.

Os seus filhos e as suas filhas profetizarão,

os jovens terão visões, os velhos terão sonhos." (At 2, 17)

- **celebrar com a comunidade** local a festa da **Corporação dos Bombeiros de Canas de Senhorim** e os **40 anos da inserção de FCM**, acolhidas com a delicadeza e descrição do **Padre Jorge**

"Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência,

amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio.

Contra essas coisas não há lei. Os que pertencem a Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e os seus desejos.

Se vivemos pelo Espírito, andemos também pelo Espírito.

Não sejamos presunçosos, provocando uns aos outros e

tendo inveja uns dos outros.” (Gal 5, 22-26)

E assim, desfiando passo a passo alguns acontecimentos vividos em comunidade agradeço tanto bem recebido e peço a intercessão de Maria, nossa Mãe e Mãe da Igreja para que Ela nos Abençoe e nos Guarde no Seu amor terno e eterno.

Passo a passo cá, aí e pelo caminho da Vida que a Paz de Jesus Cristo Ressuscitado nos faça sempre sentir que realmente, como com Jesus “Somos um.”

Carla Maria



“Ai Canas é terra boa, ai Canas é terra bela ...”

A minha passagem por Canas de Senhorim, foi um acaso, nunca tinha pensado, nem queria ir para o ensino particular. A minha irmã esteve lá a trabalhar no ATL e gostou muito, mas no final do ano letivo veio para Viseu onde residia, dizendo à Esmeraldina, Filha do Coração de Maria, (FCM) a dirigir o Centro Paroquial nessa altura, “eu vou, mas vem a minha irmã”. E no mês de julho de 1990 no dia combinado, lá vou eu a Canas para falar com a Esmeraldina, decidida a dizer que não ficava lá. Mas gostei de falar com ela e acabei por dizer sim. No início de setembro de 1990 lá vou eu, trabalhar no Centro Social Paroquial de Canas de Senhorim com um grupo de crianças de 3 anos. Quase ao mesmo tempo fiquei colocada no ensino oficial, fui conhecer o jardim de infância, mas acabei por decidir ficar em Canas. Todos os anos concorria, ficava logo colocada, mas ia ficando por ali, em Canas de Senhorim.

Uma das coisas que mais me agradou foi poder falar às crianças nas épocas festivas Natal e Páscoa, do que realmente aconteceu e o que significam essas festas. Também nós, as pessoas que trabalhávamos no Centro Social Paroquial, Creche e Jardim de Infância fazíamos a nossa celebração de Natal e Páscoa.

O Jardim de Infância tinha mudado de instalações há pouco tempo, nas salas de atividades, faltavam jogos didáticos, materiais, mobiliário, ..., mas tudo servia para criar e brincar: diversas embalagens vazias, caixa de madeira da fruta, tecidos, ... Sempre que o tempo o permitia a sala de atividades passava a ser o exterior, cuidar das plantas no canteiro que estava destinado à sala, (re)conhecimento da terra onde viviam, descoberta da natureza, explorações e brincadeiras nos pinhais... (visitas de estudo).

Ao longo do ano fazíamos algumas atividades com os idosos do Centro de Dia (Casa da Palmeira) como era conhecida. Era muito bom ver a alegria das crianças quando dizíamos vamos à Casa da Palmeira e como os “avozinhos” e as “avozinhas” recebiam a visita dos seus “netos” e “netas”.

Todos os anos havia algumas atividades que envolviam a comunidade local, as festas de Natal, de final de ano, o desfile de Carnaval, onde anualmente participávamos, no desfile das escolas. Houve um ano que também fizemos um carro, uma joaninha, para o desfile. O Carnaval é vivido pela comunidade local de um modo muito intenso, grande parte da população participa no desfile, durante dois dias, no domingo e na terça-feira de Carnaval, onde mostram os fatos, a dança, a música, os carros alegóricos, as canções do Paço

e do Rossio. Outras atividades se realizaram envolvendo a família e a comunidade, uma delas “A Feira Mágica”, com vários jogos e atividades, teve uma grande afluência de pessoas, tendo-se aí conseguido juntar algum dinheiro que foi aplicado, penso eu, na compra de camas para as crianças mais pequenas descansarem no final do almoço.

Quando cheguei, numa das reuniões que fizemos foi abordado o tema das colónias de férias através da Segurança Social, na Praia da Torreira, eu disse que não estava interessada em ir catorze dias com sete ou oito crianças, dia e noite, não devia ser tarefa fácil. A responsabilidade era grande! Passado algum tempo informaram-me que havia a possibilidade de ir mais um turno de crianças do nosso Jardim de Infância para a Torreira, mas não tinham um adulto que as acompanhasse. Para algumas delas era a única oportunidade que tinham de ir à praia. Então ofereci-me para as acompanhar. Como a primeira experiência foi muito gratificante, disse que estava disponível para ir sempre que fosse necessário. Alguns anos fui mais que uma vez. É difícil descrever a alegria das crianças quando viam pela primeira vez o mar, as brincadeiras na areia, a exploração de uma natureza diferente, as festas, os jogos, a liberdade de movimentos, o encontro com outras crianças de vários pontos do país, e todas as vivências que aqueles dias lhes possibilitavam.

O que era inicialmente para ficar apenas um ano, foi sendo mais um, mais um,... até oito anos. Não sei muito bem o que me fez ficar e ir ficando, acabei por ver ali, naquele jardim-de-infância, uma missão que Alguém me confiava.

Margarida Castilho



Outros testemunhos

Além de outros testemunhos, deixamos estes que não podem ser escritos pelas próprias, porque já estão no seio da Santíssima Trindade. Fazemos aqui a sua memória.

A **Maria Alice Rocha** marcou muito o início da fundação: colaborou na instalação das primeiras FCM. O seu automóvel, um pequeno fiat, só pequeno no espaço físico, porque era duma elasticidade a toda a prova, tal como a disponibilidade e boa disposição da Maria Alice. A larga experiência em contabilidade, deu à Maria Alice a possibilidade de por ao serviço das FCM que estavam em Canas, os seus dons, não só nesta área, mas num todo ao serviço do Bem Comum.



Enquanto a sua saúde e forças lhe permitiram vinha a Canas com muita frequência para melhor servir. Com ela veio algumas vezes a Maria José que muita alegria dava a todas e a sua atenção era muito próxima. Um sorriso encantador atraía o nosso olhar, ainda que da nossa parte, era por vezes apressado, devido às exigências da missão.



A **Maria Helena Caldeira** vinha fazer Termas às Caldas da Felgueira e estava connosco durante o tempo dos tratamentos. Era seu jeito natural, estar muito atenta às pessoas e acontecimentos. Um dia apercebeu-se que o Pai de duas crianças que frequentavam o Jardim de Infância, estava muito mal; então, a Maria Helena disponibilizou-se e pôs o carro ao serviço para sairmos com as crianças a fim de as libertarmos, por algum tempo, daquele ambiente deprimente.

Foi uma tarde de Domingo em que as crianças se sentiram aliviadas, conviveram connosco, com a natureza, com todos os que as rodearam de muito carinho.

A Maria Helena estava feliz e a comunidade também, por um gesto tão simples ter proporcionado às crianças algum tempo de alívio!

A **Dalila** e a **Aurora** também passaram um tempo em Canas a dar apoio à comunidade das FCM, convidadas pela Alda, que era então a Provincial.

A Dalila ia às Escolas Primárias dar Moral e Religião em regime de voluntariado; visitava doentes e levava-lhes a comunhão; a Aurora participava nas atividades do Centro de Dia e ajudava na Casa Comum; a Aurora e a Dalila preparavam com muito carinho, o jantar para a Comunidade. Passavam duas semanas connosco partilhando da vida comunitária, e duas semanas em Alcafache onde tinham compromissos na Paróquia: Liturgia; Comunhão aos doentes.

A presença da Dalila e da Aurora foi muito enriquecedora pela partilha das suas vidas, com a comunidade. A serenidade que transmitiam era contagiante! Marcaram bem a página que a comunidade escrevia no seu dia-a-dia, com aquela “tinta” do amor gratuito.



“Deixa as redes, vem comigo ...”

Cheguei a Canas no Ano 1990/91 para colaborar no Centro de Dia e Apoio Domiciliário.

Estas Valências foram criadas pelo Centro Social Paroquial e iniciadas pela Rosa Baltar, para dar resposta às necessidades das pessoas que nos procuravam e às que eram visitadas em suas casas.

Um dia o Senhor Abade lançou-me um desafio, dizendo: “Os nossos Idosos são acolhidos, acarinhados, cuidados, comem uma refeição quentinha, e ao sábado e domingo ficam entregues a eles próprios?”

Tinha, eu, organizado um grupo de ginástica frequentado por senhoras que funcionava, então, na casa velhinha. Um dia uma das senhoras, durante os exercícios, enfiou um pé num buraco que se abriu no soalho, tal era o estado de conservação do local! Mas nem este nem outros pequenos contratempos fizeram parar o entusiasmo de mais e melhor. Passámos de seguida a fazer ginástica numa sala livre, no Jardim de Infância. Foi no contacto com o grupo que lancei o convite para a distribuição das refeições ao sábado e domingo.



O Senhor Abade achava que deviam ser convidadas só pessoas conhecidas que frequentavam a Igreja, mas pareceu-me que não havia motivos para distinções, e foi surpreendente o resultado entre os de “dentro” e os de “fora”, todos estavam empenhados em **bem servir!**

Foi criado o grupo de Vida Ascendente que tinha encontros locais diocesanos e a nível nacional. As pessoas eram muito assíduas aos encontros e participativas.

Outro grupo - O grupo Sócio caritativo dedicava-se a dar atenção às necessidades mais urgentes a que era preciso dar resposta no terreno:

Organização de campanhas para angariação de fundos através de vendas de Natal, rifas e outras, com trabalhos feitos por elementos do grupo; do centro de Dia e de outras pessoas amigas que também gostavam de colaborar.

Lembro a D. Benilde com a sua criatividade a organizar pequenas peças de teatro; a D. Teresa Mouraz: a Teresinha Andrade e outras senhoras da primeira hora. Tanta generosidade, tanto bem partilhado!

O Dia do Idoso era celebrado com sentido fraterno por toda a comunidade paroquial.

Eucaristia na Igreja; almoço e tarde com muita animação.

O Centro de Dia funcionava na casa velhinha, uma vez que as crianças passaram a frequentar o Jardim de Infância nas novas instalações, mas elas não deixaram de visitar os Avós na casa que eles “batizaram” Casa da Palmeira por ter no jardim da parte da frente, uma palmeira. Deixaram de lhe chamar casa velha que não soava muito bem ao ouvido, e assim entrou no vocabulário corrente.

Nesta dinâmica de visitas surgiu o grupo dos Avós e dos Netos. As crianças foram convidadas a procurar, no grupo, um Avô ou Avó e assim passou a existir uma relação muito afetuosa de parte a parte. Cenas maravilhosas ficaram gravadas nos corações, era o meio disponível ao alcance de todos. Os Avós, por sua vez, iam ao Jardim de Infância visitar os Netos, estes ofereciam-lhes as suas surpresas: danças, canções, teatros e muitos, muitos beijos e abraços! Era um nunca acabar de mimos!



O Senhor Abade alimentava o sonho de ver o Lar e Centro de Dia em novas instalações. Dizia muitas vezes: “As crianças já têm a “sua casa” agora é preciso que os Idosos também tenham” uma casa nova.” Pediu, então, ao Senhor Arquiteto Keill do Amaral, a trabalhar na Câmara de Nelas, a elaboração de um projeto que ficasse envolvido com o Jardim de Infância. O projeto foi apresentado numa reunião de direção para ser apreciado, mas foi inviabilizado por várias razões técnicas e práticas.

Este Homem vê cair por terra um trabalho engendrado com amor gratuito, e responde com muita humildade: “Aceito a decisão e só desejo que encontrem a melhor saída para a realização da obra, em causa.”

Entretanto, tudo se foi organizando:

Passámos a ter todos os serviços assegurados a partir das instalações da Associação do Paço que generosamente nos foram cedidas durante o tempo da construção do lar até as obras serem levadas a bom termo.



Chegou finalmente o tempo de entrar e conviver na casa nova que o Senhor Abade tanto desejou e já não viu.

Em sua memória foi dado ao Lar o nome: **Lar Padre Domingos**. Na parede frontal um painel com o Bom Pastor, que ele tanto amava.

Maria Filomena Gomes



Dar Graças, Bendizer, Alegria em Comunhão

Creio que o Senhor, quando “Chama os que quer “ para participar com ELE na Construção do Seu Reino, também sabe, quando e como Conduzir... pela Sua Graça e Ação aquele(a) de quem espera o Sim: “ Eis-me...Faça-se.”

Palavras de Maria, que aparecem no Evangelho neste Tempo de Advento, e que neste momento sinto fazerem sentido como Filha do Coração de Maria, no “meu Envio” da Paróquia de Canas de Senhorim.

Com Maria, no Seu Coração Maternal quero ser Enviada. Para com Ela, que soube viver segundo a Vontade de Deus, o meu “Sim” se Fortalecer no Caminho da Vida.

Como nos diz o cântico que adotei para a minha Nova Missão.

A primeira a caminho, Maria Tu nos levas.

A arriscar o nosso Sim, aos imprevistos de Deus.

Caminha connosco, Maria, nos nossos caminhos de Fé.

São Caminhos para Deus, são Caminhos para Deus.

Neste mundo de hoje, garantes nossa caminhada.

Que engrandece o Corpo do Teu Filho Jesus.

Caminha connosco, Maria, nos caminhos deste mundo

São Caminhos para Deus, são caminhos para Deus.

Com Maria, em Corpo Religioso nas Filhas do Coração de Maria e em Comunidade Paroquial de Canas de Senhorim, tendo presente: Lapa do Lobo, Vale de Madeiros, Caldas da Felgueira, Urgeiriça e Póvoa de Santo António, assumo a minha Nova Missão, deixando-vos o meu sentir nestas expressões: Dar Graças, Bendizer, Alegria em Comunhão.

DAR GRAÇAS.

Dou Graças, primeiro ao Senhor, n'ELE, por ELE e com ELE quero Viver a minha Consagração, e o ter-me enviado à Comunidade Paroquial de Canas de Senhorim. Todo o vivido, na dor ou na alegria, na "noite ou no dia" só me ajudou a Fortalecer a minha Fé, Amadurecer a minha Entrega ... Crescer no Amor ao Senhor, levando-me aos Irmãos.

Dou Graças pelo vosso acolhimento às Filhas do Coração de Maria que passaram pela nossa Paróquia. Lembro Alda Gil, das primeiras FCM com Rosa Estrela e Rosa Cardoso. E nesta Ação Pastoral, connosco, vós fostes Dom para fazerdes "Parte" da nossa História, da nossa Vida de Província das Filhas do Coração de Maria em Portugal.

Dou Graças pelas Irmãs que me acolheram e com quem vivi estes anos. A Alda foi quem me propôs a vinda para Canas (Provincial nessa altura) dizendo-me: " vejo-te integrada em Canas, na Ação Pastoral e Social do Centro, Creche, Jardim de Infância e ATL."

Dou Graças a todos os Párocos com quem colaborei na Pastoral da Paróquia. O Sr. Abade Padre Domingos que me acolheu, o Padre Ilídio, Padre Nuno, Padre Jorge, chegando ainda o Padre Lindoval. A cada um agradeço a sua particularidade e enriquecimento.

Dou Graças a todos e a cada um, sem querer esquecer ninguém com quem me relacionei, vai o meu Bem-Haja de coração, às duas Freguesias na pessoa do Presidente de Canas, Sr. Luís Pinheiro e da Lapa do Lobo, o Sr. António Costa.



BENDIZER

É meu dever transmitir o Bem da Paróquia, onde estive em Missão, mais anos do que aqueles que vivi na minha terra: Vila Nova de S. Bento.

Bendizer todos os que mais de perto comigo trabalharam na Pastoral da Paróquia, lembrando quem colaborou na unidade entre a Liturgia e Catequese, sentindo-me " um pequeno motor" que ligava os que tinham Dons.

Bendizer todo o vivido:

Os filhos que vi crescer... desde o ventre das suas mães. As Festas em dias únicos, com quem comunguei da mesma Alegria. As Famílias que abracei na partida dos seus “ente queridos.”

São reflexo... do muito vivido em tantos rostos.

ALEGRIA EM COMUNHÃO

Uma União que fica

Na Alegria do encontro

Num Amor sem distâncias

Porque o Amor permanece

Desejando a todos as maiores Graças

E Bençãos do Amor Divino.

Maria Filomena Valente Correia

(Mena)



Com Maria e José, sempre a caminho para Jesus.

Cheguei a Canas no Ano de 1999. Vinha para ajudar a minha Irmã, Ana Maria a cuidar da minha Mãe que se encontrava com a saúde bastante debilitada.

A Maria Fernanda dizia com certa graça: “Tu és como um “pneu suplente”, sempre pronta para servir.

O Pároco de então, Senhor Padre Ilídio, lançou-me o desafio para me integrar na comunidade paroquial e ao mesmo tempo dar apoio no Lar.

De manhã ajudava a minha Irmã a cuidar da minha Mãe, de tarde colaborava no Lar e recebia uma remuneração pelo trabalho que lá fazia, isto, até receber a reforma. Renunciei então à remuneração e passei a colaborar como voluntária.

Integrei-me na Catequese; Liturgia; Grupo de Vida Ascendente; Grupo Sócio caritativo. Tudo vivido em espírito de missão.

Termino como comecei: Com a Virgem Maria e S. José vou percorrendo o caminho. São Eles que sempre me levam a Jesus.

Maria de Belém Soeiro



OBRIGADA! ATÉ SEMPRE!

É a Vida de Deus, confundida na vida dos homens, que nós sentimos e tocamos ao longo destes testemunhos. Testemunhos de vida partilhada, sonhos e aventuras. Alegrias e esperanças. Expetativas e certamente desencantos...lutas e sofrimentos...gestos cumpridos...obras feitas, outras por fazer... 45 anos de VIDA! Recebida, entregue, dada, partilhada...cumprida!

É tempo de fazer memória e dar graças. Memória reconhecida por tanto bem recebido, por tantas pessoas, famílias, crianças, jovens, adultos, velhinhos, homens e mulheres com os quais vivemos, convivemos, ao lado dos quais lutámos, a quem servimos...na gratuidade - **“Dai de graça o que recebestes de graça!”**

Fecharam-se 45 anos de vida? Certamente que não. É tempo, estou crente que tempo do Espírito Santo, de darmos cumprimento ao que nos dizem as nossas Constituições e nós tão bem conhecemos:

“A Sociedade...não tem atividades apostólicas específicas. Num discernimento audacioso e prudente, está pronta a conservar ou abandonar, transformar ou criar, em diálogo com a Igreja e as instâncias locais.

Esta disponibilidade que caracteriza o espírito apostólico da Sociedade realiza-se pela disponibilidade de cada uma.” (C. 13)

Mas não fechámos. Abrimos um caminho, semeámos a boa semente, praticámos o bem... a semente ficou, fez, continuará a fazer o seu percurso... germinou, germinará a seu tempo. E no segredo, dos corações e das vidas, frutificará, segundo os planos e o tempo de Deus.

Não fechamos. É antes uma continuidade. Não estamos fisicamente, mas continuamos na semente lançada, na união e na memória dos corações... na entrega confiante e humilde nas mãos de Deus, de uma obra que não nos pertence, da qual não somos donos, mas para a qual, a seu tempo, contribuímos e alimentámos. É esta a vida de Deus com os homens...

Nesta hora de partida, deixemos ressoar nos nossos corações estas palavras do Padre de Clorivière:

“Exorto-vos a pedir que a Sociedade (do Coração de Jesus e a Sociedade do Coração de Mara) se estendam a todos os tempos e espalhem por toda a parte a luz da Verdade e reapareça na humanidade a imagem quase apagada de Deus, a fim de que todo o cristão se torne outro Cristo.

Que essa oração seja o grito dos nossos corações e um gemido do Espírito Santo, submetendo-nos em tudo à vontade de Deus.” (Primeira Carta Circular pg. 38 e 39 edição portuguesa).

Eis o que importa!

Terminando em jeito de coleta, entrego ao Senhor todas as ações de graças que brotam dos nossos corações neste momento e aquela certeza filial que nos sustém, anima,

conforta, acalenta, de que o Senhor da Vida em abundância, não abandona, jamais, a obra das Suas mãos.

Sejamos testemunhas **“da misericórdia de Deus e da fé e esperança de Maria”** (C.2)

Bendigamos o Senhor!

Maria do Céu



